

NEGROS E HOMOSSEXUAIS NOS ESTADOS UNIDOS NO INÍCIO DOS ANOS 1980 NO FILME “O EXÉRCITO INÚTIL” DE ROBERT ALTMAN: UM ESTUDO DE CINEMA E POLÍTICA

FLAVIO VILAS-BOAS TROVÃO

INTRODUÇÃO

Contar uma história com e por meio das imagens é o objetivo maior de um filme. Seja nos gêneros documentário, drama, melodrama, ou ainda cinejornal, a questão discutida atualmente pelos historiadores é a capacidade que o cinema adquiriu, ao longo do século XX, de narrar, por meio das imagens, temas da História da humanidade.

Segundo o historiador canadense Ronald Rosenstone, o cinema tornou-se uma importante fonte de construção de discursos a respeito do passado e, portanto, deve ser também problematizado na construção do conhecimento histórico. Essa questão tornou-se alvo de reflexões por parte dos historiadores, sobretudo depois dos anos 1970, com a renovação da historiografia, especialmente proposta pela Nova História. Marc Ferro situa-se como um dos historiadores que assumiram o desafio do debate e trouxe à tona a questão da construção histórica presente nas imagens cinematográficas. O filme, enquanto fonte para o trabalho histórico, também foi alvo de reflexões de Pierre Sorlin, que deteve sua análise sobre o chamado *filme histórico*.

Segundo Alcides Freire Ramos,

[...] filme histórico é aquele que, “olhando para o passado”, procura interferir nas lutas políticas do ‘presente’. Se isso não se constitui como algo inteiramente inusitado para o pesquisador em história, o que o autor [Sorlin] acrescenta é que exige um exame mais acurado. (RAMOS, 2002: 33)

Dessa forma, o filme histórico permite ao historiador uma percepção do presente político que o resgate do passado deseja intervir. Nesse sentido, Pierre Sorlin ressalta a necessidade de a análise do historiador partir *das próprias estruturas internas do filme*, trazendo à tona as questões políticas e sociais do contexto histórico de sua produção. Isso significa dizer que o historiador deve, também, dominar o universo da linguagem cinematográfica para, a partir dos exercícios de *decoupage* da cena, realizar

levantamentos da estrutura do filme, dos mecanismos de produção e exibição, perceber quais as questões do tempo presente que se encontram referenciadas no filme histórico.

O presente texto compila parte dos temas desenvolvidos em nossa tese de doutorado que teve como fonte principal o filme americano “O Exército Inútil”, adaptação cinematográfica do texto dramaturgico intitulado *Streamers* (“serpentina”, em tradução literal) escrito por David Rabe nos anos 1970 e realizada por Robert Altman em 1983.

O filme narra a história de quatro soldados e dois sargentos que fazem parte da divisão *Airborne*, especialista em paraquedismo, que se encontram aquartelados no estado da Virgínia, Estados Unidos, aguardando o envio para o Vietnã do Norte, com quem o país estava em guerra entre os anos de 1965 e 1975.

Entre os soldados estão Billy, um jovem nascido no estado de Wisconsin, conhecido reduto dos valores tradicionais americanos; Richie, que vivia em Manhattan, filho de uma rica família e Roger, soldado negro que divide a caserna com os outros personagens e tem como principal característica a aceitação às regras do exército e a tentativa de manutenção da ordem e da limpeza no local onde vivem. Todos fazem parte de um grupo especial de soldados do exército e, por isso, não têm as mesmas funções que os demais. São denominados “N.D.”, ou seja, *No Dutys*, sem obrigações.

Carlyle é outro soldado negro e, diferentemente de Roger, está em conflito com as normas do exército. Por ser membro da Companhia “P”, vive em outro barracão e tem várias obrigações dentro do quartel. Ele é a quarta personagem soldado da história e sua presença no espaço dos demais acabou por desestabilizar e expor fragilidades do grupo.

O filme foi produzido em cenário único, representando a caserna onde vivem os soldados e palco das ações e conflitos da trama. A tensão da narrativa aumenta à medida que Richie, homossexual declarado, deseja seduzir Billy por acreditar que o mesmo também seja homossexual, dúvida que permanecerá ao longo de toda a trama. Carlyle, ao presenciar os jogos de sedução entre as duas personagens, acredita que entre os privilégios que os três colegas N.D. desfrutavam, estaria também incluso o relacionamento sexual com Richie. Dessa forma, Carlyle passa a provocar Billy para saber se o mesmo é, também, homossexual, bem como, passa a demonstrar seu desejo por Richie. As provocações de Richie elevam o clímax da ação quando Billy e Rooney

(sargento do grupo) são assassinados por Carlyle, que é preso pela polícia militar do quartel.¹

Nossa análise sobre o filme *O Exército Inútil* demonstrou que apesar da história estar ambientada diegeticamente nos anos 1960, o mesmo está relacionado mais diretamente com as questões referentes à própria sociedade americana naquele início dos anos 1980. Dessa forma, desenhou-se um quadro, no qual as questões sociais não se limitaram àquelas que apareciam na tela (ou seja, do ponto de vista do “conteúdo” do filme), mas também àquelas referentes à constituição do próprio filme como produto de uma indústria. Desse modo, o filme se tornou uma importante fonte de discussão da relação entre cinema e política nos Estados Unidos nos primeiros anos do governo de Ronald Reagan.

Como os principais conflitos ocorridos na história de *O Exército Inútil* giram em torno da homossexualidade de Richie (e, possivelmente, de Billy), e das divergências entre Carlyle e os demais membros do grupo, optamos por focar nossas reflexões sobre os temas da homossexualidade e dos conflitos étnicos, em especial das comunidades negras nos Estados Unidos dos anos 1980. O ponto nodal dessas relações é, evidentemente, o próprio filme.

A escolha do filme *O Exército Inútil* como objeto de análise seguiu dois princípios: a relevância do tema para a cinematografia da época (filmes sobre a Guerra do Vietnã produzidos nos anos 1980) e a relevância do diretor para a cinematografia americana (Robert Altman foi considerado por parte da crítica como um diretor “outsider” e responsável por uma produção de filmes que problematizavam aspectos da vida americana).

Dessa forma, procuramos identificar no filme pontos de diálogo, tensão e conflito com as políticas implementadas no início do governo de Ronald Reagan (período de produção e lançamento do filme), para estabelecer a relação entre cinema e política nos Estados Unidos no início dos anos 1980.

¹ Esse jogo de desejos explícitos, insinuados e reprimidos é o fio condutor da narrativa. Talvez por essa razão, o título do filme em espanhol ficou sendo “Desechos”.

1. Roger e Carlyle: os retratos das comunidades negras nos Estados Unidos no início dos anos 1980.

A partir da análise do filme e de materiais como críticas cinematográficas, cartazes de divulgação, catálogos de mostras, entre outros, estabelecemos a relação entre as situações e histórias vividas pelas personagens negras Roger e Carlyle, em “O Exército Inútil” e aquelas vivenciadas pelas comunidades negras nos Estados Unidos no início dos anos 1980.

O crítico Vincent Canby destacou a atuação de Michael Wright, que interpretou Carlyle e, a respeito da personagem, considerou-a “boca suja e malandro de rua”. A respeito de Roger, Canby o identificou como um “negro da classe média”. Portanto, em um primeiro momento, o crítico interpretou as personagens negras a partir de seus estratos sociais, “malandro de rua” e “classe média”.

Ao longo da trama, percebe-se uma tentativa de Carlyle em estabelecer vínculos como o “irmão” negro. Ao perceber que o ambiente que o colega se encontra é melhor que a “Companhia P”, onde está alojado, Carlyle se revolta e procura “entender a situação”. Nessa sequência, portanto, o espectador toma conhecimento do fato de que, mesmo entre os negros, havia diferenças no exército e na própria sociedade americana. Quando narra sua história pessoal, Carlyle conta que sua escola “foi a rua”, diferentemente de Roger, que teve a oportunidade de frequentar a escola e um curso superior.

Durante a Guerra do Vietnã, o número de negros alistados no Exército nos anos de 1960 era, praticamente, o dobro dos brancos: 30% em relação aos 18% de brancos e, ainda, o realistamento era mais frequente entre negros. Segundo Gary Gerstle, a porcentagem de negros alistados em 1972 superou o índice de negros na sociedade americana no mesmo ano. Portanto, as personagens de Carlyle e Roger representam diferentes experiências dos negros no exército, desde sua função na maquinaria de guerra, como também, suas trajetórias pessoais de vida evidenciam posições distintas na sociedade americana, na época do conflito no Vietnã.

O período da governança de Ronald Reagan frente à presidência dos Estados Unidos (1981-1984; 1984-1988) é tratado, pelos especialistas em política norte-americana, como o momento em que os vários grupos políticos de direita se reorganizaram em torno das possibilidades abertas para a implantação de seus projetos.

“Os políticos da administração Reagan eram profundamente conservadores, mesmo quando algumas de suas políticas não o eram”, afirma Sean Wilentz. Entre os grupos integrantes da Nova Direita, destaca-se a chamada “Maioria Moral”, liderado por cerca de 300 mil pastores evangélicos – dos quais alguns eram políticos influentes – e que, no início dos anos 1980, respondiam por aproximadamente 60 milhões de fiéis, equivalente a 25% do eleitorado naqueles anos. Nas palavras de Finguret, “Reagan, mais do que qualquer outro, abraçava as bandeiras defendidas pela Maioria Moral”.

Era necessário, portanto, rever as posições liberais vividas nas das últimas décadas, que foram entendidas pelo então bloco da Direita Americana como momento de *desvio* na política americana. Nas palavras de Saxe-Ferñandes, “esses setores ultraconservadores estão convencidos de que os Estados Unidos caíram nas mãos de políticos corruptos e perniciosos, que estão empenhados em subverter as tradições básicas da nação.”

Esses grupos conservadores tinham objetivos específicos que foram levados a cabo pelo governo Reagan: ampliar a participação da iniciativa privada nos negócios do governo e rever posições sociais consideradas excessivamente liberais para os valores tradicionais americanos. No que se refere ao primeiro aspecto, cabe frisar a ascensão das grandes corporações, em especial, da indústria bélica durante o governo de Reagan, que passou a representar a maior área de investimentos públicos no país desde então até os dias atuais.²

No final do primeiro mandato de Ronald Reagan (1984), o número de pobres no país era estimado em 33 milhões de pessoas. Ainda, estatísticas apontam que no ano de 1983, existiam nos Estados Unidos 10 milhões de famílias com renda anual inferior a 10.000 dólares (cifra utilizada para considerar uma família pobre) e 24 milhões com renda inferior a 20.000 dólares (classe média baixa), perfazendo um total de 96 milhões de pessoas, equivalentes, à época, a 41% da população.³

Para Nell Painter, a relação entre raça e pobreza nos Estados Unidos é um dos pontos fundamentais que o analista social deve estar atento. Em suas palavras, “o

² O orçamento anual militar dos Estados Unidos no ano de 1980 era da soma de 134 bilhões de dólares. Em 1982, Ronald Reagan enviou para o Congresso a proposta de Iniciativa de Defesa Estratégica (*Strategy Defense Initiative*, SDI) que previa um incremento na área militar na ordem de 300 bilhões de dólares por ano, até 1985. Sua argumentação se baseava na vulnerabilidade dos Estados Unidos diante dos conflitos que caracterizavam as disputas militares com a URSS, na época.

³ Cf. MESSADIÉ, op. cit., p. 57.

conceito de raça encerra conotações econômicas, de tal forma que falar de negros é o mesmo que falar dos pobres americanos”.⁴ No ano de 1981, o Congresso americano aprovou um corte de verbas destinadas às redes de proteção social na ordem de 140 bilhões de dólares. As áreas mais afetadas eram as seguintes: Saúde (-1,1 bilhão); Alimentação (-1,7 bilhão) Educação (-1,4 bilhão), Auxílio a famílias pobres com dependentes (-1,2 bilhão); Seguro desemprego (-3,8 bilhões). Ao total, os programas “encolheram”, naquele ano, 20% em relação ao ano anterior. Concomitantemente, o orçamento militar teve um incremento de 16 bilhões em 1982 e, ao longo do primeiro mandato do presidente, o orçamento anual bélico atingiu a cifra de 300 bilhões de dólares.⁵

Nos níveis básicos de ensino, as consequências dos cortes orçamentários nos anos de 1981 e 1982 foram igualmente prejudiciais. Gerald Messadié explica que, apesar de reconhecer o elevado número de pobres no país na época, “o governo vetou com uma penada a destinação de 12 milhões de dólares à ajuda alimentar, privando, assim, 1,5 milhão de crianças da única refeição consistente, a que lhes era servida na escola”.⁶

Loïc Wacquant, em estudo realizado sobre a população carcerária nos Estados Unidos nos anos 1980, demonstrou que mais da metade dos presidiários de Nova York eram provenientes dos sete bairros considerados mais violentos da cidade, como também, frequentaram as escolas mais obsoletas. Segundo o autor, “as escolas se deterioraram até funcionarem como instituições de encarceramento, cuja missão primordial é a de não instruir, mas de garantir a guarda e o controle do seu público”.⁷ Portanto, a escola, de certa forma, já reproduzia o universo carcerário, servindo como uma ambientação para uma possível situação futura de reclusão.

Ao mesmo tempo, nos bairros urbanos de maioria negra, chamados também de guetos, uma pequena parte da comunidade passou por uma ascensão social, por meio da prestação de serviços no próprio bairro. Dessa forma, “a burguesia negra retirava a

⁴ PAINTER, Nell. Relações raciais, história e política pública: os casos de fraude eleitoral no estado do Alabama em 1985. In: BERLOWITZ, Leslie; DONOGHUE, Denis; MENAND, Louis. **A América em teoria**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993. p. 117-129. p. 117.

⁵ PIVEN, op. cit., p. 16-17.

⁶ MESSADIÉ, op. cit., p. 59.

⁷ WACQUANT, op. cit., p. 176.

essência de seu poder econômico do fornecimento de bens e serviços a seus congêneres das classes populares”⁸. As medidas de restrição dos serviços sociais sustentados pelo governo federal para essas comunidades acabaram intervindo na situação da burguesia negra, que passou a ter maiores dificuldades de manutenção de sua condição, graças à perda de poder aquisitivo de suas comunidades.

Isso levou essas parcelas da comunidade negra a um isolamento social, cujas diferenças econômicas interferiam nas relações étnicas. Com a pauperização dos bairros negros e o aumento da violência, os grupos negros mais favorecidos acabaram por se isolar geograficamente dos demais membros, ou pela transferência de suas residências para setores mais seguros e elitistas das cidades, onde seriam tratados como minoria, ou pelo isolamento dentro da comunidade, mediante a implantação de sistemas de segurança residencial que deixavam evidente a situação acuada que se encontravam. Nesse sentido, a distância entre as personagens Roger e Carlyle, em “O Exército Inútil” também reflete as diferenças sociais e econômicas dentro das comunidades negras americanas naquele início da década de 1980.

Nesse contexto, as mudanças econômicas que atingiram as populações negras dos guetos desde o final dos anos 1970 acabaram por gerar uma massa urbana de negros que não tinham mais acesso a empregos estáveis nem a renda compatível com suas necessidades. Assim, os guetos tornaram-se lugares extremamente violentos. A região sul da cidade de Chicago apresentava, em 1981, um índice de 100 homicídios por 100 mil habitantes. O índice nacional era de 10 para 100 mil, e os níveis de encarceramento na cidade aumentaram para 200 a cada 100 mil. O que se percebe é que a clientela preferencial dos presídios nacionais era proveniente dos bolsões de pobreza das cidades, cuja maioria da população era negra.

Os meios de comunicação tiveram um papel ativo na construção da imagem do negro pobre como uma ameaça para a sociedade naquele início dos anos 1980. Os programas de televisão passaram a retratar as cenas de violência vividas nas periferias das cidades, bem como, davam amplo destaque às ações criminais cujos protagonistas eram negros. Barry Glassner comenta que “noite após noite, os negros aparecem na sala de estar, roubando, estuprando e saqueando. Uma grande quantidade de estudos mostra que, quando se trata de vítimas da criminalidade, a mídia dá uma atenção bem maior aos

⁸ Cf. WACQUANT, op.cit., p. 168.

brancos e às mulheres”.⁹ Essa situação reforçou no imaginário popular a necessidade de uma ação enérgica sobre essa população.

A política que pautou o encarceramento dos negros no período estudado tinha por finalidade retirar do convívio social os elementos que eram considerados perigosos para as comunidades e por meio de um rígido sistema de confinamento, manter o seu controle. Em *O Exército Inútil*, ao discutir com Roger sobre a presença de Carlyle na caserna, Billy, branco e natural do conservador estado de Wisconsin, afirma: “Eu não preciso dele, nós não precisamos dele!”. A frase expõe valores que, certamente, a elite norte-americana dos anos 1980 acreditava. Carlyle não era necessário para os recrutas na caserna. Tampouco para a América de Ronald Reagan.

2. A questão homossexual em “O Exército Inútil” e nos Estados Unidos no início dos anos 1980.

O enredo de *O Exército Inútil* é articulado a partir da interrogação a respeito da sexualidade de Richie e, por sua vez, da tentativa dessa personagem em seduzir o colega Billy. As atitudes que caracterizam o comportamento sexual de Richie se apresentam desde os primeiros momentos da película. A presença de um colega homossexual na caserna não foi concebida como algo negativo por Roger e Billy, no início do filme.

Na terceira sequência de *O Exército Inútil*, ao retornar à caserna depois de socorrer o amigo Martin, que cortara os pulsos como estratégia para receber a baixa, Richie se prepara para o banho. Despe-se das roupas de soldado e veste-se com um robe azul, calça chinelos japoneses e usa uma boina grega. Roger e Billy conversam com Richie e se divertem com a forma como o colega veste-se, em especial pelo uso do boné. Na construção cênica do armário de Richie, encontram-se elementos que reafirmam a personagem como homossexual: a foto de uma mulher com um charuto na boca, perfume, espelho no qual, no canto superior, vê-se uma foto que pode ser de sua mãe. Billy sai de cena e Roger permanece examinando o armário do colega e ri, achando graça dos objetos que observa.

⁹ GLASSNER, op. cit., p. 194.

Essa possível aceitação inicial do homossexual no meio militar estadunidense no período da Guerra do Vietnã nos remete a análise da condição dos homossexuais na época, voltando nossa atenção para o momento onde uma militância homossexual passou a se configurar no país.

Os homossexuais passaram a gozar de maior liberdade nos Estados Unidos, ao longo dos anos 1950 e 1960 quando, organizando-se em bairros, formaram as primeiras comunidades em São Francisco e Nova York. A escolha pela primeira cidade devia-se ao fato de muitos homossexuais que teriam atuado na Segunda Guerra Mundial e na Guerra da Coreia (1950-1953), optaram por permanecer na cidade que era base militar de envio das tropas para os palcos de conflito. Muitos desses homossexuais foram dispensados do exército devido à sua sexualidade, com o título de “baixa desonrosa”. Quanto a Nova York, deve-se ao fato da cidade ser a mais populosa do país o que permitia aos homossexuais organizarem-se em uma maior diversidade de espaços e redes de sociabilidade.

Naquela época, a principal problemática defendida pelos homossexuais era o fim da caracterização de sua sexualidade como doença mental, creditada pela Sociedade de Psiquiatria no país. Ronald Hunt explica que a questão central nesse momento era demonstrar que o estilo de vida homossexual era uma forma alternativa legítima de existência e, desse modo, procuraram convencer os membros da Sociedade de Psiquiatria a abandonar as técnicas de tratamento que caracterizavam a aversão a esse estilo de vida.

O marco divisor no processo de politização dos movimentos homossexuais nos Estados Unidos foram os episódios relacionados às revoltas ocorridas em Nova York, no ano de 1969, quando um grupo de homossexuais americanos foi brutalmente agredido pela polícia, no bar gay mais frequentado da época, *Stonewall Inn*.

O episódio gerou uma série de confrontos entre gays e a polícia de Nova York, que se estendeu por alguns meses. Um ano depois, cinco mil homens e mulheres homossexuais organizaram uma marcha em Nova York denunciando os episódios ocorridos e sugerindo que aqueles que se sentiam reprimidos, assumissem suas sexualidades e enfrentassem a repressão policial. Era a Primeira Marcha do Orgulho Homossexual, que garantiu aos diversos grupos de militância, a unidade política necessária, por meio do estabelecimento de uma causa comum pela qual lutar.

Os grupos organizados na marcha conclamavam os homossexuais de todo o país a exigirem respeito e direitos iguais. A política de “sair do armário” (*The Closet politics*) encontrou respaldo social e, em 1973, três anos após a primeira marcha, mais de 800 organizações homossexuais eram registradas nos Estados Unidos e militavam pela aceitação social e política da comunidade. Tais episódios garantiram à militância homossexual a associação de que a luta e o enfrentamento da violência policial serviam de modelo para o enfrentamento com os segmentos conservadores da sociedade¹⁰.

Os eventos ocorridos entre os anos 1960 e início dos anos 1970 conseguiram, então, inverter a imagem da homossexualidade como algo negativo, ainda que restrito a seus militantes e aos simpatizantes. De qualquer forma, a questão homossexual adquiriu visibilidade e demonstrou ter força política de organização e reivindicação.

O debate sobre a vida homossexual ganhava espaços na mídia e na cultura americana e, sob a pressão política exercida pelos movimentos homossexuais, passou a encontrar maior aceitação perante a sociedade. Porém, a sua expressão, qual seja, a manifestação pública da homossexualidade, ainda era vista de forma crítica, especialmente pelos grupos mais conservadores da sociedade americana.

Ao final dos anos 1970, o movimento homossexual precisou mudar sua bandeira de luta. Com a disseminação da AIDS, a partir de 1979, e o ápice de uma crise de saúde sobre a população gay no início dos anos 1980, obrigou a comunidade gay americana a voltar-se para si mesma e encontrar uma solução para frear as taxas de mortalidade na comunidade que saltaram de 12% em 1980 para 86% nos dois primeiros anos do governo de Ronald Reagan.

Os anos 1980 representaram para os homossexuais masculinos, em especial, assim como para os movimentos negros, um momento de reestruturação de sua militância, uma vez que a direita se articulou em torno do gabinete de Ronald Reagan e nele encontrou o escopo político necessário para tentar restaurar um momento pré-1960.

Assim como a homossexualidade de Richie é construída em *O Exército Inútil* sob um jogo de situações em que, ora se manifesta e é aceita pelos demais colegas ora é rejeitada a ponto de gerar ações de violência contra a personagem, o movimento homossexual se constituiu ao longo dos anos 1960 e 1970, sob uma perspectiva de expor-se e defender seu estilo de vida, sendo atacado, por vezes, por movimentos

¹⁰ D'EMILLO, op. cit., p. 86.

conservadores. Assim como os recrutas *streamers* de Robert Altman, os homossexuais se viram em queda livre e o destino de muitos foi a própria morte, naquele início dos anos 1980.

O fenômeno que começou a chamar a atenção, tanto das comunidades e grupos organizados, quanto da classe médica, foi o elevado número de homossexuais diagnosticados com uma doença chamada “Sarcoma de Kaposi”, cujos efeitos visíveis são a formação de feridas na pele e nas regiões mucosas do corpo. Além disso, outras doenças como a pneumonia acometiam, em número elevado, aquela população. Em 1981, constatava-se que, provavelmente, se tratasse de uma nova doença de efeitos devastadores, cuja expansão dava-se por meio do contato sexual, visto que muitos pacientes relatavam um histórico de contágio de doenças sexualmente transmissíveis.

A velocidade da proliferação era alta e a incidência preponderante entre os grupos homossexuais levou a comunidade médica a nominar o fenômeno com o léxico de “câncer gay” e, sobretudo a mídia, ao referir-se à crise de saúde que se evidenciava, utilizou a expressão “praga gay”¹¹. Somente em 1982 passou-se a utilizar o acrônimo AIDS, sigla de “*Acquired Immune Deficiency Syndrome*” quando a comunidade médica e científica confirmou que não se tratava de uma doença, mas sim de uma síndrome que atingia o sistema imunológico.

Nesse sentido, a proliferação da AIDS nos Estados Unidos a partir de fins dos anos 1970 e, sobretudo, no início da década subsequente, impôs aos movimentos homossexuais organizados do país a tarefa de defender sua população contra os ataques da síndrome, procurando informações, aconselhando e apontando medidas, e, ao mesmo tempo, exigindo dos órgãos políticos ações em prol de seus membros. Mas, apesar dos esforços de muitos cientistas e pesquisadores, a situação não era favorável ao grupo, e a síndrome foi o argumento necessário para a Nova Direita defender os males que a homossexualidade causava ao país. O ataque, tão fulminante quanto do vírus, vinha de membros que integravam o gabinete de Ronald Reagan.

O estilo de vida gay era entendido como um desvio dos valores que pautavam a vida americana tradicional. A família branca, de classe média, a quem o governo dirigia grande parte de suas ações, associava a homossexualidade a uma obra diabólica, que

¹¹ Cf. ROTELLO, op. cit., p. 20.

tinha por objetivos destruir a América. Em especial, para a Direita Cristã, a proliferação da AIDS era vista como uma forma de justiça divina, que punia os “desviados” da sociedade. Mas o fato que deve ser destacado, nesse modelo de discurso, é a compreensão de que o homossexual não é americano, não pertence ao país.

Larry Kramer, militante do movimento gay e paciente de AIDS na época, exigia do governo uma postura mais ativa em relação à crise de saúde que atingia a comunidade homossexual nos Estados Unidos. O autor comenta que se os heterossexuais ou a classe média americana fossem o alvo da doença, as verbas federais provavelmente seriam mais facilmente destinadas a pesquisas sobre as causas da síndrome.

O isolamento do HIV em outubro de 1983, ano do lançamento do filme de Altman nos Estados Unidos, marca o ponto de virada da situação. A partir de então foi possível o desenvolvimento das medicações que amenizavam os efeitos do vírus, permitindo relativa longevidade aos pacientes, ocorrido principalmente no biênio 1984-1985. Mas a maior conquista no campo da contenção da epidemia partiu dos próprios grupos homossexuais, que passaram a comandar uma campanha pela diminuição do número de parceiros e uso do preservativo de látex, a *camisinha*, como é popularmente conhecida.

A esse respeito, Rotello destaca:

A criação desse código [sexo seguro] foi muito pouco assistida pelo governo ou pela mídia, que continuavam embaraçados pela menção da homossexualidade, indiferentes às mortes dos homossexuais, e negavam-se a contribuir para a discussão de como os gays poderiam continuar a ter uma vida sexualmente satisfatória no meio de uma epidemia sexualmente transmissível – ou, a bem dizer, em quaisquer circunstâncias.¹²

Dessa forma, a militância sinalizava para um novo momento de sua trajetória, na qual o orgulho gay residiria não mais sobre a bandeira da liberdade sexual, mas sobre a capacidade de manter sua população saudável e conter uma epidemia que lhes atingiu de forma implacável, a despeito dos discursos acusatórios de que foram alvo e das políticas conservadoras daqueles primeiros anos. Como disseram Berkowitz e Callen, “para nós, a festa que foi os anos 70 acabou”.¹³

¹² Ibid., p. 117.

¹³ Tradução livre de: “*for us, the party that was the ‘70s is over*”. BERKOWITZ; CALLEN, op. cit., p. 571.

A frase pode ser a melhor expressão do que significou aqueles primeiros anos do governo Reagan. Em sua perspectiva política, era hora de reverter excessos cometidos por administrações liberais e retomar princípios da tradição. Entre eles, o belicismo e a tradição da família americana. Se os anos 1970 foram uma festa para os gays, os anos 1980, tendo em vista os fatos que atingiram a comunidade nos primeiros três anos da década, seriam mais sombrios.

Assim como na caserna de *O Exército Inútil*, as concepções a respeito da homossexualidade nos Estados Unidos naquele momento haviam mudado: ser gay não era mais aceito e muito menos associado à beleza e a alegria como na frase símbolo do movimento nos anos 1970, “*gay is beautiful*”. Tal qual a posição de Richie na caserna, a aceitação da vida homossexual estava comprometida na sociedade americana e a positividade da imagem de seu estilo de vida fora invertido: nos primeiros anos da nova década, ser gay poderia ser sinal de perigo, quando não, de morte.

Conclusão

Em nossa pesquisa procuramos contribuir com as reflexões a respeito da relação entre Cinema e História, partindo das possibilidades da abordagem de temas políticos e sociais sobre a sociedade americana do início dos anos 1980, tomando o filme *O Exército Inútil* como objeto de análise.

As questões suscitadas pelo filme analisado emergiram a partir do processo inicial de análise e decoupage do filme em um processo que procurou articular a linguagem cinematográfica e o discurso que a obra enuncia. Tal processo nos permitiu visualizar as questões que se encontravam implícitas à narrativa do filme e aqui apresentadas. Portanto, mesmo ambientado nos anos 1960, as questões abordadas em *O Exército Inútil* se relacionava com o universo político da época de sua realização, qual seja o início dos anos 1980.

As comunidades homossexuais que viveram a crise de saúde de seus membros acometidos pelo vírus HIV e o desenvolvimento da AIDS são, de certa forma, os *streamers* de um governo que ignorou os problemas relacionados a esse fato, a partir da ampliação de políticas conservadoras, do ponto de vista dos serviços públicos prestados pelo Estado, como também, em seus aspectos morais.

A prisão de Carlyle e sua trajetória na narrativa fílmica de *O Exército Inútil* nos possibilitaram estabelecer a relação entre a redução dos serviços sociais a que as comunidades negras tinham acesso durante os anos 1970 e, por consequência, a ampliação dos focos de violência dentro dessas comunidades. Tal contexto permitiu que políticos conservadores da Nova Direita advogassem em prol de uma maior repressão ao crime e, como resultado, o destino de muitos membros das comunidades foi o sistema carcerário do país. Esses fatos também corroboraram para a construção da situação das comunidades negras como semelhantes àquela do sentido do título do filme. Homens e mulheres em queda livre, em direção a um final trágico. Negros, homossexuais e o próprio diretor, formavam o “exército de inúteis” da caserna que havia se tornado o país durante os primeiros anos do governo Reagan.

Referências

1. Fílmica:

O EXÉRCITO Inútil (Streamers). Direção: Robert Altman. Produção: Robert Altman e Nick J. Mileti. Roteiro: David Rabe. Intérpretes: Matthew Modine, Michael Wriugh, Mitchell Lichstein, David Alan Grier, Guy Boyd, George Dzundza. Los Angeles: Fox Filmes, 1983. 1 VHS (118 min), mono. color. english (sem legendas).

2. Bibliográficas

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GERSTLE, Gary. **American crucible**. Race and nation in the twentieth century. Princeton: Princeton University Press, 2002.

RAMOS, Alcides Freire. **O canibalismo dos fracos**. Cinema e História do Brasil. São Paulo: EDUSC, 2002.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. 262p.

SORLIN, Pierre. The cinema: the american weapon for the Cold War. **Film History: an International Journal**, New Jersey, v. 14, n. 3/4, p. 375-381, 2002.

WILENTZ, Sean. **The age of Reagan**. A history (1974-2008). New York: Harper Collins, 2008.